



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

**A DIFERENÇA AUTÍSTICA PARA ALÉM DAS CATEGORIAS DIAGNÓSTICAS:
CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-CLAUDE MALEVAL**

Juliana Lima Monteiro, Centro Universitário São Lucas,

psi.jmonteiro@gmail.com

Weidila Nink Dias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

weidilanink@gmail.com

INTRODUÇÃO. Desde a descrição do primeiro caso de autismo por Leo Kanner, em 1943, os debates sobre essa condição têm se multiplicado, gerando um crescente interesse acadêmico e clínico. Desde então, vários teóricos de diversos campos do saber contribuem com a literatura, estudo e pesquisa desse vasto campo, apresentando hipóteses e diferentes perspectivas para o tema. Parte dessa intensificação deve-se à popularização, nos últimos anos, da categoria diagnóstica e à forma como os sujeitos se identificam com ela. No entanto, para além da descrição nosológica da qual se origina o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e o Transtorno Global do Desenvolvimento, categorias que correspondem ao autismo nos manuais diagnósticos (Marfinati; Abrão, 2014), questionamentos importantes têm surgido em outros campos, como na psicanálise. Neste último, destaca-se a produção de Jean-Claude Maleval (2021), autor de uma contribuição teórica importante para a perspectiva segundo a qual o autismo constitui-se como uma quarta estrutura psíquica, sustentada por Robert e Rosine Lefort (1984). Esse artigo parte então das contribuições de Maleval para discutir sobre o autismo, situando-o mais além das descrições e categorias diagnósticas. **OBJETIVO.** Este escrito visa objetiva dialogar sobre o autismo a partir do aporte de Maleval (2021). Propõe um contraponto à visão neurocientífica, retomando o sujeito autista mais além do seu comportamento cognitivo e do discurso normalizante. **MATERIAL E METODOLOGIA:** Trata-se de uma discussão teórico-reflexiva que dialoga com a contribuição de Jean-Claude Maleval (2021), mais especificamente com a hipótese de uma diferença autística. O estudo se sustenta no aporte da psicanálise para discutir sobre o autismo e seu enlace com a linguagem, indicativa de uma forma singular mediante a qual o sujeito se posiciona no mundo em relação ao Outro. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Jean-Claude Maleval, em sua obra *A diferença autística* (2021) oferece uma perspectiva para além das categorias normativas entre neurotípicos e neurodiversos ao indicar



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

que reivindicar a diferença autística não é reconhecer implicitamente a existência de um grupo dominante. Para Maleval, o indivíduo “neurotípico” é apenas uma ficção estatística inencontrável, visto que a psique humana é infinitamente mais complexa que a duplicata do cérebro, logo, o termo não deve ser utilizado como referência. Por essa razão, sua produção distancia-se das noções de transtorno do neurodesenvolvimento. Maleval (2021) parte da hipótese evolutiva, sustentando que comportamentos altamente variáveis são produzidos segundo as culturas e as histórias subjetivas, formando assim funcionamentos psíquicos únicos e heterogêneos. Dessa forma, a nomeação de um grupo de indivíduos com funcionamento similar lhe parece destoar com a singularidade da expressão humana por não levar em consideração as variações subjetivas da forma em que cada indivíduo autista demonstra em sua interação com a linguagem e o mundo. Faz parte do consenso médico que o autismo seja uma deficiência no campo das interações sociais. Entretanto, a perspectiva de Maleval (2021) desafia este entendimento ao introduzir o argumento de que o autista navega na linguagem utilizando-a como uma barreira de proteção, organização de seu mundo interno e mediador entre as interações sociais. Dessa forma, a linguagem não seria necessariamente uma forma de se comunicar com o desejo do Outro. Dentre as diversas formas de intervenção se destacam positivamente as que utilizam do objeto de interesse do sujeito para desenvolver uma aprendizagem autêntica e autônoma, uma vez que a autonomia resulta de uma escolha que não se ensina. Para tanto, Maleval elucida Michelle Dawson, pesquisadora autista canadense, ao resgatar a importância do acesso educativo ao passo que respeite o sujeito autista e o deixe desenvolver, ele mesmo, as suas competências. Além disso, o autor introduz o conceito de bordas para ilustrar o espaço limite entre o sujeito e o mundo, onde assume uma função protetora mediando os afetos. Este conceito revela a importância do respeito para com este limite, visto que é uma expressão de desejo eliciado pelo próprio indivíduo, tanto na aprendizagem como nas diversas formas de inserções sociais. O atravessamento desta borda apresenta um caráter de invasão direta, podendo se tornar fonte de angústia. Por fim, o autor ressalta que apesar dos diversos objetos utilizados como mediadores de interação indireta serem eficientes em suas funções propostas, estes não competem com a afetividade nas relações interpessoais na celebração da diversidade humana. **CONCLUSÃO:** A perspectiva de Maleval (2021) oferece um importante aporte para pensar o autismo sob uma perspectiva estrutural e



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

singular. Ao mesmo tempo, é evidente a contribuição do autor na proposição de uma leitura que se afasta da patologização e se aproxima da consideração da produção psíquica do sujeito, tão essencial na construção de políticas de cuidado e saúde. Ressalta-se, com esse estudo, a necessidade de abordagens inclusivas e de intervenções que respeitem a singularidade do sujeito autista. Assim, pode-se pensar na elaboração de políticas inclusivas e práticas que não apenas validem a existência desses sujeitos, mas que também celebrem a diversidade humana.

Palavras- chave: Autismo; Subjetividade; Singularidade; Categorias normativas;